

ENTRE PENSAR E AGIR: UMA LEITURA DE *MUDANÇA*, DE VERGÍLIO FERREIRA

Maíra Contrucci Jamel*

*Pensar é fácil. Agir é
difícil. Agir conforme o
que pensamos, isso ainda
o é mais.*

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Mudança, romance publicado em 1949, é considerado por muitos críticos um marco na criação literária de Vergílio Ferreira. A narrativa apresenta ao mesmo tempo questões sociais, caras ao movimento neorrealista, e uma elaborada problemática existencial. Não se pode ignorar o fato de que em suas obras anteriores, Vergílio Ferreira já refletira acerca de questões que estavam para além das necessidades básicas do homem. No entanto, é com a narrativa de *Mudança* que se inicia uma transformação estética, que será desenvolvida ao longo de sua bibliografia.

Vemos o quão representativo é esse livro no conjunto da obra de Vergílio Ferreira, através das palavras do próprio autor:

Este meu livro é um livro ambíguo, preso ainda a valores de que eu queria desembaraçar-me, sem todavia ter a coragem de o fazer claramente. [...] verifico que houve em mim uma luta entre duas forças opostas: a que me exigia uma 'fidelidade' ao neo-realismo e ideologia conexa, e a que profundamente me incitava a mudar de rumo. (FERREIRA *apud* WOLFF, s/d, p.73)

Diferentemente de suas obras posteriores, nas quais o tema existencial é mais desenvolvido, a narrativa é construída em 3ª pessoa. Nela encontramos diversas questões acerca de posse de terra, consciência de classe e decadência dos estratos sociais dominantes, porém também há a alternância de longos períodos descritivos com fluxos de pensamento do personagem principal. Para Eduardo Lourenço, *Mudança* é o livro que ampliou o horizonte de escrita de Vergílio Ferreira, já que "abre caminho através da sua própria construção, caminho que é ruptura ou, em todo caso desconfiança em

* Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

relação à luz excessivamente clara que banhava então nosso universo romanesco” (LOURENÇO, 1978, p.9). Lourenço conclui que o autor nunca escreveu melhor romance neorrealista que *Mudança*, ao mesmo tempo em que nas suas páginas já agoniza a forma habitual desse neorrealismo.

É sobre a ambiguidade desse romance que iremos tratar nesse artigo, verificando como se dá, na trajetória do personagem principal, o conflito existencial entre pensar e agir e a oscilação entre as estéticas neorrealista e existencialista. Se o neorrealismo foi, como uma proposta global, uma intenção de aprendizado, baseando-se em divulgação das ideias e questionamento social, *Mudança*, na contramão do romance de aprendizagem, é construído sobre um personagem incapaz de aprender. Essa incompetência de aprendizagem vem do desequilíbrio do pensar e na inapetência do agir.

A maior parte da fortuna crítica acerca do neorrealismo português costuma dividir esse movimento em duas fases. A primeira, que compreende o período do final dos anos de 1930 até os anos 50, apresentava uma intenção de conscientização coletiva através da abordagem de conteúdos de cunho social, revelando “uma manifesta vontade de intervenção transformadora” (RODRIGUES, 1981, p.13).

Em sua segunda fase, a partir de 1950, o projeto artístico do neorrealismo português sofreu um processo de refinamento estético. Se inicialmente os escritores neorrealistas estavam empenhados, como militantes, em propagar seu programa de desalienação coletiva, na segunda fase do movimento, há uma evolução nas composições literárias, sem deixar de lado os pressupostos ideológicos antes pregados. Dessa forma, as possibilidades de escrita são ampliadas, pois como declara o autor de *Aparição*: “Se o meu ponto de partida era a defesa do humanismo, eu entendo hoje que o humanismo não se pode cifrar apenas a uma problemática sócio-econômica, mas que tem que se estender a outros aspectos” (FERREIRA *apud* RUAS, 1990, p.586).

Guiando-se por uma poética de denúncia social e através de expressão marxista, a narrativa neorrealista procurou orientar o leitor a ver o mundo de forma específica. Segundo Carlos Reis, se o neorrealismo foi capaz de eliminar o posicionamento paternalista do escritor realista para com o leitor, não teve o mesmo êxito em eliminar o caráter subjetivo de suas criações literárias que buscavam tratar da realidade:

De fato, a escrita totalmente neutra constituía não só, em certa medida, uma limitação da militância pressuposta no citado empenhamento literário, como sobretudo a expressão verbal do fenômeno literário inviabilizava, desde logo, um discurso desprovido de subjetividade. (REIS, 1981, p.15)

De certa forma, o aprofundamento maior da subjetividade por parte dos escritores foi um dos fatores responsáveis pela evolução do movimento neorrealista. Ainda assim, alguns escritores romperam as amarras do movimento, como é o caso de Vergílio Ferreira, afinal “sua obra tanto mais se afirma quanto mais se afasta da práxis neorrealista” (RUAS, 1990, p.587).

Mudança foi publicado poucos anos depois de o neorealismo começar a fincar suas bases na literatura portuguesa, no entanto já aponta para uma intenção literária diferente da que antes fora apresentada por seu autor. A narrativa se desenvolve sobre a trajetória de vida de Carlos Bruno, filho do dono de uma fábrica de tecidos, e todas as mudanças sociais e pessoais que o afetam após a crise de 1929. Nesse sentido, podemos afirmar que, assim como acontece nos romances de aprendizagem, *Mudança* acompanha o percurso do desenvolvimento da identidade de um personagem. No entanto, a integração harmônica entre sujeito e mundo, proposição fundamental do romance de formação, não acontece.

Em sua *Estética da Criação Verbal*, Mikhail Bakhtin divide o romance de aprendizado ou formação em cinco categorias, dentre as quais destaca como mais relevante a que afirma que a evolução do homem está intrinsecamente ligada à evolução da história. Sobre isso, afirma:

A formação do homem efetua-se no tempo histórico real, necessário, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico. O homem se forma ao mesmo tempo que o mundo, reflete em si mesmo a formação história do mundo. Ele é obrigado a transformar-se em um novo tipo de homem, ainda inédito. A imagem do homem e devir perde seu caráter privado e desemboca na esfera espaçosa da existência histórica (BAKHTIN, 1992, p.240).

Nesse sentido, o romance de formação, assim como a estética neorrealista, apresenta aspectos de cunho social, abordando questões suscitadas pelo embate entre indivíduo e a realidade que o cerca.

Ambos, o movimento neorrealista e o romance de formação, possuem tendências didáticas, buscando contribuir para a formação do leitor. Em *Mudança*, Vergílio Ferreira começa a se afastar da estética neorrealista e, ao construir um tipo de romance de formação, sua pena começa a tratar dos embates e dificuldade do processo de desenvolvimento interior do ser humano perante os acontecimentos que lhe são exteriores. Esse conflito fica muito claro no dilema vivenciado por Carlos ao se sentir dividido entre o agir e o pensar. Ao elaborar a tensão desse descompasso, Vergílio abre caminho para o que Eduardo Lourenço caracteriza como uma passagem simplista, mas significativa “da atmosfera neorrealista, rarefeita pela obsessão ideológica, à aventura literária de cunho existencialista” (LOURENÇO, 1978, p.10).

A narrativa de *Mudança*¹ inicia-se após uma tempestade que, momentaneamente, modifica a paisagem, mas logo as nuvens se dissipam e o céu se abre. Logo que isso acontece, Carlos Bruno, o protagonista, desafia a natureza, gritando “Tudo está certo no mundo” (*M*, p. 30) e, satisfeito com o restabelecimento da ordem, dirige-se a Berta: “Tudo está no seu lugar. O que eu amo, Berta, merece bem o meu amor. E o que eu odeio merece bem o meu ódio.” (p. 30) Assim, a primeira característica que conhecemos do personagem principal é que ele vive em harmonia com o mundo, sendo avesso

¹ Para referências do livro utilizarei *M*, seguido do número da página.

a transformações. No entanto, o narrador antecipa o conflito que ele viverá: “Esse acordo musculado com tudo, esta forte harmonia entre a vida e a sua vida havia ele de recordá-lo mais tarde, dolorosamente, quando a fortuna o tivesse já rolado para longe desse ponto de partida, desse tempo em que tudo era justo, evidente, absoluto” (p.30).

É interessante notar que essa não é a única vez ao longo da narrativa em que uma tempestade antecede um conflito de Carlos. Mas, se nesse caso temos uma representação material de algo que modificou a paisagem, a crise econômica que afetará a vida de Carlos é descrita como “um fantasma sem corpo, um demônio incerto surgia de fundos obscuros, e desdobrava, por toda a casa, o mistério da sua sombra” (*M*, p. 36). Diante desse inimigo, que reservava mudanças radicais em sua vida, Carlos não se viu capaz de enfrentar, como fizera com a tempestade.

O mundo como Carlos o conhece é transformado quando as consequências econômicas da crise de 1929 afetam diretamente sua vida. A fábrica que pertencia à sua família por gerações vai à falência e seu pai acaba cometendo suicídio. Dessa forma, é um acontecimento social que desencadeia a crise pessoal do protagonista. Carlos perde seu *status* e acontece uma inversão de papéis sociais. A partir de então ele estabelece uma luta interna na tentativa de reestabelecer a harmonia entre ele e o mundo. Assim, inicia-se a prefiguração do que viria ganhar corpo na obra de Vergílio, um equilíbrio entre os motivos social e existencial, mesmo que isso se dê através de um mergulho na estética existencialista.

Perante a crise econômica, a primeira reação de Carlos é de espanto por não entender como algo tão abstrato pudesse afetar sua vida de forma tão concreta. Aos poucos, ele vai se dando conta de que mudanças são inevitáveis:

Ah, e, no entanto, um terror frio ia-lhe desencorajando o entusiasmo: a crise estava aí a pedir explicações. Num frémito de angústia, Carlos adivinhava que qualquer coisa ia ruir na harmonia perfeita da vida. Um ódio desvairedo tirava-lhe, em arrancos, o último alento de senhor do mundo. Uma noite de ameaças erguia-lhe à roda um destino de solidão – A crise alastrava. (*M*, p. 46)

Carlos vai perdendo o controle que pensa ter sobre o mundo e começa a se angustiar. Esse dilema permeia toda a narrativa e ele se torna uma pessoa diferente, fato percebido por sua esposa que diz: “Quando eras príncipe de Vilarim, eras outro (...) Eras duro, arrancavas para a frente. (...) Hoje estás tão complicado, tão diferente! Nunca sei de que lado está vento” (*M*, p. 64).

Gradativamente, a história aprofunda-se na angústia de Carlos ante a instabilidade do mundo ao seu redor. Na tentativa desesperada de retomar as rédeas de sua existência, tenta adaptar seus sentimentos a alguns princípios. Vemos isso claramente, quando começa a aceitar que o mundo com diretrizes, mesmo que de forma torpe, é melhor do que um mundo em constante mudança. Assim, a lembrança das palavras do juiz, que defende que Hitler impusera justiça ao mundo, já que suas ações, de certa forma, impulsionaram novamente a economia, o faz ter uma epifania, na qual as incertezas são momentaneamente vencidas e seu passado harmônico recuperado:

Carlos ficou um instante indeciso,(...) mas logo sentiu carregarem sobre ele, em esquadrão cerrado, as palavras do juiz. Dos abcessos rasgados, corria, largamente, o pus das velhas ideias, aos golpes destros daquela certeza. Lentamente, um mundo novo erguia-se à sua roda. Os povos marchavam, seguros do seu destino. Traçavam-se estradas, fábricas, laboravam ordeiramente, uma alegria vigorosa corria pela terra. E longe, no casarão de Vilarim, o velho Bruno, fumando da varanda, conversava, próspero, com industriais amigos, por sobre a gralhada gárrula dos filhos de todos, no pátio. (*M*, p. 76-77)

O efeito dessa nova lógica que reestabelece a ordem do mundo traz enorme conforto para Carlos, já que finalmente ele se achava capaz de harmonizar seu agir e pensar, pois: “o impulso era igual ao pensar, às vísceras reconheciam-se à face do cérebro e do coração. Com efeito, uma nova força humana empolgava-o. Via-se concretamente no seu tempo, trabalhando, vivendo.” No entanto, a vida não se transforma devagar e suas dúvidas interiores superam sua tentativa desesperada de estabelecer uma paz interior: “Ah, os *princípios!* (...) (Em que medida, enrolando-se aos pés da sua proteção, não procurava uma cômoda grandeza, um triunfo, à custa do que não era *ele?*)” (*M*, p.77)

Através dos conflitos de Carlos, Vergílio Ferreira adere à conjectura existencialista, questionando-se onde está o verdadeiro ser do homem em sua essência, baseada em seu pensamento, ou em sua existência, construída por suas ações. É dessa angústia, inerente à condição humana, que sofre o protagonista de *Mudança*. Se o autor estava preocupado em colocar em prática questões sociais que angustiavam o homem, a construção de Carlos e suas incertezas retratam um “indivíduo que a hora presente não entende, que no momento presente se não justifica, acede a uma dimensão que simultaneamente o anula e o exalta: precisamente a dimensão do homem.” (FERREIRA, 1990, p.258). Vemos claramente essa ambiguidade quando o narrador revela que Carlos tentou, mesmo sem sucesso, unir o seu pensar ao seu agir: “Pensar, agir. Acabar de revelar, pela ação, a evidência de uma ideia. Vencer a distância infinita que vai da convicção da inteligência à convicção do coração.” (*M*, p. 107)

Em oposição à crescente introspecção de Carlos, está a praticidade dos personagens que o rodeiam. Sua esposa Berta é descrita como alguém que estava “adestrada no jogo prático do mundo” (*M*, p. 104) e que “cortava a vida pela brutalidade possante de sua mesquinha razão” (*M*, p. 80). Ao dividir com elas suas angústias existenciais, Carlos ouve o seguinte conselho: “Ó filho, não é com coisas intelectuais que se governa a vida. Coisas práticas, amigo, coisas práticas.” (*M*, p. 72) Contudo, de todos os personagens com quem Carlos convive, é através dos conflitos ideológicos que estabelece com Pedro, seu irmão, que seu questionamento existencial se aprofunda.

Após a crise de 1929, Pedro desenvolve ideais marxistas e, em oposição à Carlos, “tinha ideias onde encaixava a vida toda”. (*M*, p. 111) Pedro é capaz de se ver como apenas um homem e, por isso, a verdade em que acredita tem os mesmos limites que ele possui, ou seja, também é mortal. Esse pensamento deixa Carlos transtornado, pois buscava certezas absolutas. Indagado pelo irmão sobre como poderia haver mais de uma verdade, Pedro responde:

A história é feita pelas necessidades imediatas. História, claro, não são só guerras. Leis, moral, literatura. Cada época, cada necessidade. Cada necessidade, cada lei. A história da humanidade não era feita de ilusões, mas de sucessivas certezas. (*M*, p. 149)

A aversão de Carlos por essa ideia revela o quanto ele não se adaptava a uma interpretação temporal baseada no materialismo histórico e dialético. Sua indignação com esse pensamento é tamanha que sonha com Pedro em diferentes épocas, tendo posicionamentos diferentes. Em seu sonho, o Pedro, que vivia na Grécia Antiga, seria um comprador de escravos, ao que Carlos indaga, como uma pessoa com ideais marxistas, que defende a liberdade do homem, poderia ser um comprador de escravos? E Pedro responde apenas que foi justo para o seu tempo, ratificando a ideia de que cada época possui sua verdade. Porém, Carlos não consegue entender como o irmão pode ser contraditório e coerente ao mesmo tempo. Ele não alcança o princípio existencialista sartriano de que engajar-se é assumir-se como um ser inacabado que encontra nas relações humanas e no mundo a direção e o significado para a sua existência. Dessa forma, o homem pode existir em toda a sua ambiguidade, o que só aumenta a agonia de Carlos, como podemos observar no seguinte trecho:

Ao deitar, Carlos reviu a sua trágica insegurança, o constante logro dos homens.(...) Que era a verdade? Pedro declarava que cada época forjava a sua e que, nos restos das muitas verdades, se endurecia a do tempo novo. (...) Sabia já que o destino do mundo seriam sempre vários caminhos fechando para um, um caminho abrindo para muitos. E sempre assim, sem parar, sempre assim, sempre a mudança. Que fazer do anseio humano? (*M*, p. 161)

Há de se destacar também outra presença muito importante na narrativa. Nesse livro, que marca uma transformação de intenção na escrita de Vergílio Ferreira, o autor resgata Rui Antunes, personagem principal de seu primeiro livro, *O Caminho fica Longe* (1943).

Rui aparece logo após uma crise existencial de Carlos, de forma que o encontro entre os personagens é proporcionado não só por um motivo existencial, mas também por um motivo social, já que, em certa medida, Rui ascende e Carlos decai. O próprio Rui reconhece que ele e Carlos vieram de caminhos diferentes, mas que agora, finalmente, se encontraram. Em *Mudança*, Rui é o personagem que mais se aproxima dos conflitos existenciais de Carlos, como vemos em uma das conversas entre eles: “Todos temos de ser do nosso tempo. Mas a verdade é que uns nasceram já talhados para a sua época. E então, não perdoam as hesitações dos que lutam por se adaptarem” (*M*, p. 123), ao que Carlos responde: “Mas é que não pode haver hesitação, a vida não espera.” Desta forma, a presença de Rui também aponta para uma reflexão muito cara a Vergílio Ferreira, que consiste em se perguntar “qual é a hora que nos cabe?”, no sentido de refletir sobre a existência do homem em relação ao tempo histórico a que pertence. Ao trabalhar essa questão em seu ensaio intitulado *Situação Atual do Romance*, o escritor afirma que o homem do seu tempo é obcecado não por uma pergunta, mas por

uma interrogação. A diferença entre uma e outra seria que a primeira possui uma resposta, já a interrogação apela para o “imóvel espanto, para o olhar longo e atônito” (FERREIRA, 1990, p.228). É essa perplexidade diante das inquietações da existência humana que se reflete tanto em Carlos como em Rui.

É bastante significativo o fato de o personagem do primeiro livro de Vergílio Ferreira reaparecer nessa obra que mudaria o rumo de sua escrita. Em *O Caminho fica Longe*, Rui é mostrado como alguém que queria ter um papel ativo, ser um herói, mas foi engolido pela condição socioeconômica de seu tempo. Quanto a Rui, personagem de *Mudança*, é alguém que diz não saber guerrear, mas apenas sofrer. É esse novo posicionamento que o aproxima de Carlos, que, por sua vez, tem necessidade de ser coerente com o mundo a sua volta e vive angustiado por não alcançar essa condição.

Em *Mudança*, o homem descobre que há um abismo intransponível entre ele e o mundo, daí sua imensa dificuldade em conciliar o pensar e o agir. Mas, se pensarmos por outro lado, há um processo de tomada de consciência, pois Carlos descobre os limites que cercam a existência humana quando entende que “quase tudo na vida é o nome que se lhe dá e raras são as coisas que não têm, pelo menos, dois”. (*M*, p. 139)

As sensações de solidão e impotência vividas por Carlos, também exploradas pela filosofia existencialista, levam-no a questionar o sentido de suas ações. Ao se deparar com esses sentimentos, ele é forçado a entender que as verdades do mundo, necessariamente, passam pela subjetividade humana, e reconhece: “A própria existência do universo decidia-se-lhe na existência de si mesmo. Era homem nos limites do seu tamanho. E 2+2 só eram 4 *depois* dele o saber.” (*M*, p. 95) No entanto, reconhecer seus limites não significa aceitá-los.

Se *Mudança*, por um lado, pode ser lido como um romance de aprendizagem, no sentido de acompanhar o desenvolvimento de um personagem, por outro, não se concluiu como tal, pois não há reconciliação entre indivíduo e mundo. O que temos é um mergulho existencial de um personagem que agoniza pela incapacidade de lidar com o descompasso que existe entre ele e o mundo. Ao se desgarrar das amarras neorrealistas, Vergílio aproxima sua obra de questões eternas do homem, afinal a árdua tarefa de formar a essência durante à existência não é só de Carlos. De suas inquietações e de seu penoso aprendizado, todos nós compartilhamos.

Resumo: Esse artigo trata da ambiguidade presente no romance *Mudança*, verificando como se dá, na trajetória do personagem principal, o conflito existencial entre pensar e agir e a oscilação entre as estéticas neorrealista e existencialista. Publicado em 1949, esse romance é considerado por muitos críticos um marco na criação literária de Vergílio Ferreira, a

partir do qual se inicia uma transformação estética em sua obra. Se o neorrealismo foi, como uma proposta global, uma intenção de aprendizado, baseando-se em divulgação das ideias e questionamento social, *Mudança*, na contramão do romance de aprendizagem, é construído sobre um personagem incapaz de aprender.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira, Neorealismo, *Mudança*.

Abstract: *This article aims to study the ambiguity in the novel Mudança, checking, through the path of the main character, the existential conflict between to think and to take action and the oscillation between the neorealist and existentialist aesthetics. Published in 1949, this novel is considered by many critics a milestone on Vergílio Fer-*

reira's literary creation, from which starts an aesthetic transformation in his work. If the neorealism general proposal was an intention of learning or formation, based on dissemination of ideas and social issues, Mudança, contrary to the novel of formation, is shaped on a character incapable of learning.

Keywords: Vergílio Ferreira, Neorealism, *Mudança*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. "O romance de educação na história do realismo" In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 223-276.
- FERREIRA, Vergílio. *Mudança*. Lisboa: Bertrand, 1978.
- _____. "Situação Actual do Romance" In: *Espaço do Invisível I*. Lisboa: Bertrand, 1990. pp. 225-271.
- LOURENÇO, Eduardo. "Prefácio". In: FERREIRA, Vergílio. *Mudança*. Lisboa: Bertrand, 1978.
- REIS, Carlos. *Textos teóricos do Neo-realismo Português*. Lisboa: Seara Nova, 1981.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. *Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo*. Lisboa: Moraes, 1981.
- RUAS, Luci. "Vergílio Ferreira e o neo-realismo". In: *XIII encontro de professores universitários brasileiros de Literatura Portuguesa*. Rio de Janeiro: UFRJ/Calouste Gulbekian, 1990, n. 13. p. 579-585.
- WOLFF, Ana Cristina Fernandes Pereira. *Aparição, Estrela Polar e Alegria Breve: Correspondências e Contrastes – Uma leitura das Relações Homem-Espaço em Vergílio Ferreira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2006.